

A BATALHA

DIARIO DA MANHÃ

Redactor principal — CARLOS JOSÉ DE SOUSA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor — Carlos Maria Coelho



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores

ANO V — Número 11.592

Terça-feira, 5 de Fevereiro de 1924

PREÇO — 20 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia
Caçada, de Combro, 38-A, 2.º Lisboa — PORTUGAL
TELEFONE — 5339-6
Oficinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 115

LUIS DE CAMÕES

Hoje, 5 de Fevereiro de 1924, faz quatro séculos que — segundo as contas que o parlamento deitou há tempos — nasceu Luís de Camões.

Razões patrióticas, mais do que razões poéticas ou artísticas, levaram o mesmo parlamento a considerar o dia de hoje feriado nacional para que o povo se recorde que existiu um homem que foi grande pelo seu gênio. Num país onde houvesse juízo e à educação popular fosse prestada alguma atenção encontrar-se-ia decreto maior que muito mais práticas e inteligentes de homenagear esse grande poeta que morreu votado à mais horrível das misérias.

Se por todo o país se abrissem escolas que extinguissem, em pouco tempo, o analfabetismo vergonhoso que campeia de Norte a Sul, far-se-ia um trabalho muito mais valioso de aproximação do povo da poesia genial de Luis de Camões, do que votando-se feriados e organizando-se homenagens das quais nada de prático ficará.

Se depois de extinto o analfabetismo se organizasse um ensino primário que desse a indivíduo uma noção, embora ligeira, do valor da poesia, da arte, da literatura no valor mental dos povos, então melhor saberia o povo português apreciar Camões, e todas as belezas da literatura clássica e moderna que repousa nas bibliotecas.

Só elevando o nível da cultura do povo é possível levá-lo à compreensão dos *Lusíadas* de que tanta gente fala por ouvir elogiar.

O professor sr. Gustavo Cordeiro Ramos dizia ontem no *Diário das Notícias*, que «em Portugal há muitos indivíduos diplomados pelas escolas superiores e até nas altas esferas governativas que não se deram, ainda, ao trabalho de ler os *Lusíadas*». Entretanto, alguns desses indivíduos fizeram parte, estamos convencidos, do número daqueles que votaram para hoje o feriado nacional. São esses ignorantes que predominam hoje como predominaram no tempo de Camões, que deixariam morrer de fome na miséria Camões se ele fosse de nosso tempo.

Se nós vissemos que na época que decorre havia da parte do Estado carinho para quem produz não só intelectualmente como moralmente, acreditariam de bom grado na sinceridade das homenagens oficiais. Mas não, o Estado só se lembra dos gênios depois deles terem morrido de fome. Então gasta dinheiro com eles em monumentos, em cortejos, em festas de arromba.

Chaga a ser caricata esta homenagem oficial feita a um homem de gênio que teve, entretanto, um grande erro na sua vida, chamando a esta coisa triste e vergonhosa que se chama Portugal — «dita Pátria amada» que não ensinou a ler os seus filhos; «ditosa Pátria» onde os exploradores imperaram e a miséria arrasta para a morte milhares de criaturas inocentes.

So nossos tempos florescesse um gênio poético tam alto como de Camões, impossibilitado de cantar glórias que há perto de cinco séculos morreram, teria de escrever um grande poema satírico, impregnado dum humorismo cínico, impiedoso, que eternizasse numa caricatura genial, eterna, a «ditosa Pátria» dos mercceiros, barigudos, dos novos ricos, dos deputados, dos banqueiros e dos mafiosos.

AS ESCOLAS PRIMÁRIAS SUPERIORES

A sua supressão constitui um atentado contra os direitos do povo

A par de novos ensinamentos, dia a dia nós vamos adquirindo um mais fundo conhecimento dos homens e consequentemente da sua coerência ante ideias aprofundadas e afirmações feitas.

Com o decorrer dos tempos, cada vez se arreiga mais em nós o absoluto domínio convicção que nos vem dominando, e é de que a ideia, como o sistema republicano estão na agonia, acentuando-se a sua falência sobretudo quando se alçaram nas culminâncias do poder homens que procedem como o actual ministro da Instrução.

Quando homens como este tomam o leme da governação pública e põem o batal do Estado a remar contra a maré, não podem merecer a confiança do povo. Quando se chega a um tal estado de coisas ou os homens caem e com elas a sua obra, ou o batal ameaça ir a quebrar.

Nós que somos um humilde filho do povo, desse ponto que trabalha e produz, não deixaremos passar nem o mais veemente protesto, o abuso, o desrespeito que nos há revelado pelo povo, o ministro da Instrução, com a publicação do decreto que extinguiu as Escolas Primárias Superiores. O seu gesto não poderá efectivar, porque isso seria atentado contra os direitos do povo e contra a essência do próprio sistema republicano que no seu programa de ação nos apresentava o princípio do seu lado desenvolvimento da instrução popular.

Nós, que não temos o mais pequeno interesse ligado às E.P.S. podemos levantar bem alto o nosso brado de protesto, motivado tam sómente pelo facto de não podermos admitir que, em plena vigência das instituições republicanas, se priva o povo do direito de se intrair um pouco mais profundamente. A quando da criação destas escolas, discordamos da maneira como foi seleccionado o seu pessoal. Mantemos ainda essa discordância. E' que os governos de então, salvo muitas exceções, fizem prever a preferência sobre a competência a preferência do compatriota.

Mas não foi só para o preenchimento das vagas de professores das E.P.S. que se usou, e tem usado tal critério... Se nos disserem ainda que tanto o pessoal maior como o menor é demais dentro destas escolas, também concordamos. Mas com o que nós não podemos concordar apesar de tudo isso, é com a extinção das escolas, como não concordamos que se exijam agora provas de competência aos seus professores.

A adoptar tal medida para estes eia teria de ser adoptada, por igual causa, para quasi todos os ramos da actividade dos delegados operários.

Os delegados presos em Sevilha

O conselho de delegados da U.S.O. de Évora, ultimamente reunido, protestou com veemência contra a injustiça e a prolongada detenção em Sevilha de Silva Campos e Manuel J. de Sousa, resolvendo oficiar ao ministro de Espanha em Portugal para que transmita ao seu governo as resoluções deste organismo que exige a imediata libertação dos seus professores.

A adoptar tal medida para estes eia teria de ser adoptada, por igual causa,

UM MANIFESTO Os ferroviários do Sul e Sueste

Expõe ao público a sua situação miserável e revela a probabilidade das redes do Estado irem parar a uma empresa particular

Há mais de 7 meses que os ferroviários do Estado apresentaram à respetiva administração reclamações de carácter moral e material que até hoje ainda não tiveram andamento algum, verificando-se entretanto supressões violentas de direitos e de concessões de há muitos anos conquistadas.

Sobre a actual situação dos caminhos de ferro do Estado e do respectivo pessoal, publicou a comissão executiva do Sindicato dos Ferroviários do Sul e Sueste um extenso manifesto, do qual transcrevemos os seguintes períodos:

«Em relação à administração dos Caminhos de Ferro do Estado — o pessoal está na frente dum verdadeiro furacão demolidor, que ameaça reduzir a escombros o que de aproveitável ainda resta, pezando-lhe sobre o dorso a tremenda acusação de ser o responsável pela decadência dos mesmos Caminhos de Ferro, por ser um pessoal insdisciplinado, mandriado e falso de competência, qualificativos que constantemente lhe são aplicados, nos jornais onde certos engenheiros de sacristia, escrevem, ou nas palestras e conferências entre outra classe de técnicos de via reduzida, que não aceitam como bom que o pessoal de Sul e Sueste reaja com a energia de que tem dado provas.

Con quanto sobre os ferroviários permanentes existem sólidas acusações, a administração é exercida por uma verdadeira praga de engenheiros mal acabados de fazer nas escolas superiores técnicas, e que vencendo os ordenados que são atribuídos aos engenheiros completos, resultou que existe uma verdadeira confusão nos serviços, que lutam com uma absoluta carência de engenheiros, operários e técnicos. Sobre material fixo e circulante, as provisões tardam e a ameaça dum paralisação forçada pela sua insuficiência, persiste.

«Com o material, irá o pessoal. Tudo será vendido como objectos à Companhia Portuguesa, que como um autêntico Estado, receberá por essa forma o espólio de outro Estado.

Sobre a questão da sua organização sindical, único poder capaz de fazer recuar os mais atrevidos assaltantes dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, os ferroviários tem na sua frente o Sindicato, como organismo coordenador das forças sindicais da classe, que exerce a única e verdadeira ação de defesa do pessoal e que merece dessa acção, o único poder que nest momento enfrenta a situação com rigoroso conhecimento de causa.

O manifesto, depois de se referir à ação desmoralizadora de um grupo de indivíduos predispostos a cometer todos as traças e à parte da classe que é comodista, acrescenta:

«Como contraposição a toda uma situação de ambigüezas e conveniências, existe devidamente organizado, um bloco único e inovável, cuja ação revolucionária, pronta a actuar em todos os momentos, constitui o estio do próprio Sindicato e a única garantia de defesa que a classe sempre tem tido. No entanto, a conveniência de se intensificar a organização sindical da classe, robustecendo-a com novos elementos que aumentem o seu poder defensivo e ofensivo, apresenta-se nitidamente, competindo a todos os ferroviários do Sul e Sueste.

«O Sindicato vai convocar as assembleias da Classe, que o pessoal marquem a sua altitude e a sua orientação nessas assembleias, se quer de vez enfrentar a situação de miséria, de opressão e de vilipêndio, que lhe criaram.

TUDO A ARDER!

Um sonho verosímil

Vê-se mais, ás vezes, com os olhos fechados a dormir do que com eles abertos e acordado

É muito frequente chamar-me pessimista, no sentido de maluco ou desequilibrado.

Quero admitir o meu desequilíbrio que provém, seguramente, da falta absoluta do equilíbrio social, fatal que se reflete sobre mim e tantos outros que se equilibram desequilibrados e desequilibrados.

Quanto ao meu pessimismo também admito, em princípio.

Contudo e sendo em observador por educação e temperamento, é como é em posso ser optimista, se é pessimismo tu quando observo?

Quero querer que eu, observando e vendo torto o que não é direito, encarece os aleijões que observo, chamando óptimo, excelente ou magnífico o que não possui semelhanças qualitativas?

Já vêm que não pode ser e que sou pessimista porque observo coisas pessimas, com o que e de sobre justificativa, que todos fogem; que incluem os estados constituintes da Sociedade das Nações para evitar tanto quanto possível as guerras.

O sr. ministro da guerra apresenta projectos tendentes a arranjar receitas para material de guerra, semelhante da morte, de luto, de desgraças e de ruínas.

Se é uma vez por outra, emiro pelos domínios enviezados da metafísica é porque, devo dizer, e como acentua o perito de D. Quichote — o célebre «Rocinante» — tenho falta de misticismo, a acontecimento em mim muito vulgar que até, de vez em quando me obriga a fazer versos, na verdade superiores, como devem ter notado, modestamente à parte, já se devia ver, podendo todos certificar-se de que, como acontece com os painhaos, quando afeita o mostro maior alegria é justamente quando estou mais triste.

É quando não estou alegre e nesse estado adormeço, tenho pesadelos horríveis.

Vamos, porém, ao meu suposto pessimismo:

Numa audiência que pedi, em tempo, ao falecido dr. António Granjo quando foi meu ministro e também presidente do conselho, realizado no Ministério da Agricultura e audiência que condicionei à porta fechada, sem testemunhas, para evitar que importunes, na forma do seu costume, fôssem correr a conversa, cortando o fio ao meu discurso, malcriadamente.

No final de referida audiência que se prolongou por uma hora e na qual expus ao ministro o meu rontão de vista, a extinção das escolas, como não concordamos que se exijam agora provas de competência aos seus professores.

A adoptar tal medida para estes eia teria de ser adoptada, por igual causa,

Os serviços dos Correios e Telégrafos estão decorrendo irregularmente e com grande atraso.

Os telégrafo-postais e o público continuam sofrendo as consequências da intransigência do governo:

WOODROW WILSON
O governante que mais sinceramente defendeu a paz sem indemnizações nem anexações faleceu anteontem

Estes últimos tempos têm sido fatais para homens que, pela sua ação intelectual e política, alcançaram lugar de destaque e celebriidade. Não há muitos dias que se registrou a perda de Lénine, cuja ação revolucionária e política ficará bem vincada na História da nossa época; dias depois numa casa modesta da travessa Santa Gertrudes expirou Teófilo Braga, o homem mais erudito que em Portugal exerceu actividade nestes últimos cinquenta anos e ainda não se extinguiu da memória a morte destes dois homens, ambos grandes, cada um no seu campo, já outra grande figura acaba de ser arrebatada pela morte impiedosa. Woodrow Wilson foi o político que, na barata fundo dos interesses mesquinhos, desportados pela grande guerra, soube manter uma notável linha de independência e colocar os seus factos que o apontam. São as circunstâncias que o exigem. Recuar, é alentá-los que preparam assaltos os Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, os que nos pretendem vender.

Posta a questão como aí fica, que atitude deve tomar a classe?

Evidentemente que não pode ser outra senão uma atitude energica e de resistência contra a situação. São os próprios factos que o apontam. São as circunstâncias que o exigem. Recuar, é alentá-los que preparam assaltos os Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, os que nos pretendem vender.

Na miséria, quase sem direitos, perseguidos, vexados, insultados, com o futuro ameaçado, sem as reclamações atendidas, vilipendiados com 37 camadas seus afastados vingativamente do serviço e da ameaça de serem traçados pelo Estado, como simples mercadoria, a uma Companhia reacionária e despotica, os ferroviários do Sul e Sueste não podem manter a mais leve indiferença, sob pena de cobardemente se deixarem esmagar, ficando reduzidos a um bando de desgraçados sem vontade e sem ação, à mercé de todos os traficantes da política, da finança e do comércio.

É termina:

«Aí pés, camaradas! Chegou mais um momento em que tendes de accionar a vossa querelar defensor.

Vão-se realizar as assembleias. Que as suas resoluções saem por esse país fora, como o grito dumha classe que o descalabro administrativo dalguns pôde querer esmagar, em benefício dos seus interesses pessoais.

Que todos os ferroviários gritem bem alto que o descalabro a que se chegou, é o resultado das inconfessáveis ambigüezes que se entrecruzam na administração e que com a sua energia, com a sua dedicação e com a sua competência — a única que é uma realidade — os Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, podem equilibrar e manter por si próprios.

O Sindicato vai convocar as assembleias da Classe, que o pessoal marque a sua altitude e a sua orientação nessas assembleias, se quer de vez enfrentar a situação de miséria, de opressão e de vilipêndio, que lhe criaram.

Em 1905, ingressou no partido

OS TELÉGRAFO-POSTAIS
TRABALHAM DE MÁ VONTADE

O governo é único culpado da irregularidade dos serviços

Há quase um ano que os telégrafo-postais veem insistido junto dos governos para que sejam integralmente atendidas reclamações cuja justiça de modo algum, sem recorrer à mentira ou à calunia, lhes podem ser contestadas. Vários governos se tem sucedido no Terreiro do Paço, algumas promessas tem sido feitas e até hoje ainda não foi reconhecida de direito e de facto a justiça que aos telégrafo-postais assistem.

Este último governo em vez de atender as reclamações dessa classe tem recorrido a vários expedientes para alargar o tempo e adiar a questão. Estes processos são usados, em via de regra, pelos governos. Como sabem, pelo conhecimento exacto das intrigas políticas donde derivam, os governos sabem que a sua vida ministerial é transitoria, desmoralizada e curta. De modo quando surgem reclamações revestidas dum carácter de inelegível justiça, não as atendem, não as repelem. Adamas não, Usam para isto de todos os expedientes. Todos absolutamente todos os expedientes lhes servem desde que sejam próprios.

O governo, em vez de ter em devida conta a situação económica das reclamações que correspondem ao direito à vida e que estão integradas na moralidade e na justiça?

O governo cabem culpas e culpas bem graves na anormalização e na irregularidade em que os serviços estão decorrendo. E' ao governo que compete, sem demora, evitar que continuem anormalizados os serviços. E só tem uma maneira: atender as reclamações dos telégrafo-postais.

REVULSIVOS

Ao Mário Domíngues

Faz hoje seis que nasceu O meu colega Camões. Ese que aí ora escreveu D'assignados várdes. Quanto na gama lhe deu, Canto da: gafas lisas Numa soberba Epopeia, Rezam crónicas conusas Que muita vez, sem ter céu, Passou noites, abstratas.

Quasi sempre sem jantar, Karas, vezes que não se tem adivinhado, é sempre apanhado em almoço. E devo ao Jau o carópo, Pondo o preto a meadigar.

Comemorando

TEATROS & CINEMAS

TEATRO DE SÃO CARLOS

A inauguração da época lírica com o MEFISTOFELES, de Arrigo Boito.

Quanto mais oíço o «Mefistófeles» mais reconheço o bom senso de Arrigo Boito cedendo ao lugar de compositor o de libertista, em que a sua ação se tornou bem patente. E, quem conhece a essência de ser muito bem, outras óperas em que o «Mefistófeles» galhofeira reis, como um deus, ainda mais perde a inferioridade da partitura da ópera de Arrigo Boito, demasiado estilizada e demasiado repisada, sem contudo de inspiração, podendo dizer-se que sómente o terceiro acto alguma coisa representa de belo, embora dum baile banal, muito afastada das páginas soberbas com que nos deliciam o Fausto e a Damnation du Faust, guardando é claro, para cada uma, o lugar muito especial que lhe compete.

A ópera de Boito evoluiu unicamente entre dois ou três motivos principais e o autor repeete-a todo passo, nem sempre disfarçados com habilidade pelo conjunto da harmonia, muitas vezes passageiramente tratado na orquestra e rudimentarissimamente apropriado nos duetos, nos tercetes e nos quartetos. Se alguma nota da salienta da ópera «Mefistófeles» ela reside somente no apartado scénico e na tridimensional instrumental, por vezes de generada em agudos que rasgam o ouvido e prejudicam a orientação melódica.

Faz bem Arrigo Boito em seguir as suas extraordinárias faculdades de libertista e mais do que como compositor fêrira o seu nome bem assente nesse aspecto da dramaturgia musical.

Em São Carlos, na última vez que se cantou o «Mefistófeles» lembra-me que o papel de Mefistófeles e de Margarida estavam entregues respectivamente ao distinto baixo Júlio Crino, e à a. Bonapá. Não me ocorre agora quem era o artista que desempenhava a parte de Fausto.

A crítica nessa temporada lírica e por ocasião da exibição desta ópera, sancionou com o seu aplauso, as manifestações de agrado do público. Não assistimos à sua representação e sómente conhecemos Crino, da interpretação cuidada que deu ao «Gurnemang do Parsifal», levado já em duas épocas e que dentro de poucos dias, fará no palco de São Carlos a sua «época».

Nogueira de BRITO

Proibidos, brilham, também, Júlia de Assunção, Carmen Martins, Filomena Casado, Amélia Figueiredo, Dina Moreira, e, entre o elemento masculino, Joaquim Prata, e o «compêr» Artur Rodrigues, Holbeche Bastos, Aurélio Ribeiro e José Silva, além doutros «Proibidos» que tem uma aparatossíssima montagem e um guarda-roupa maravilhoso, repete-se, hoje no Apolo.

— Alcançaram um grande sucesso ontem no Coliseu dos Recreios os notáveis gladiadores equilibristas de força Angel Brothers que ali fizeram a sua estréia, bem como a gentil «cavaleira» M. Otilia Orlando com o seu novo cavalo apresentado em alta escola.

A respiração do sensacional número «Bólido Humano» é dos arrojados ginastas em duplo trampolim Elvira Trade e Partner foi bem recebida pelo público que aplaudiu com entusiasmo os célebres artistas.

Hoje, em matiné e à noite, realizam-se dois magníficos espetáculos com um programa surpreendente.

— Prossegue na sua carreira brilhante a esplêndida mágica de Eduardo Garrido «A pera de Sizana», que todo o público de Lisboa consagraram com os seus aplausos sinceros. Como a peça está recheada do espírito scintilante de Eduardo Garrido, que soube fazer, como ninguém, teatro alegre sem valer-se de escabiosidades, o Eden-Theatro todas as noites registra uma enchente.

— A estréia do gracioso grupo de bailes «Mary-Luisa» que ontem se efectuou no Salão Foz, agradou plenamente, o mesmo sucedendo a gentil coupleta «Lili Molina», no notável ilusionista «Florenses e Miss Selika» e à grande atração «Aixa e Francis».

No teatro Apolo vai, em breve, reabrir a sua festa artística o popular actor Artur Rodrigues.

Reclamos

Está constituindo um grande triunfo para a companhia que trabalha actualmente no Nacional a representação do interessante original «Pasteleiro de Madrigal», em que a crítica e o público falam unanimemente aplaudindo o expeñido trabalho literário do escritor Augusto de Lacerda. Hoje repetiu-se o «Pasteleiro de Madrigal», aqui fica a prevenção para quem quiser passar a noite gozando um artístico espetáculo.

— A revista «Proibido», em cena no Apolo, continua sendo o mais divertido espetáculo de Lisboa, e com toda a vivacidade e alegria desempenha na pega Elias Santos, o «Bric-a-brac futurista», «Eufímios sóis», «Sopera política», «Vítima da cocaína» e «Cartaz de revista», e Lina Demel os «Cartaz americanos». Noutros papéis do «Proibido»: «Menina dos Sonhos» e «Cartaz americano». Noutros papéis do «Proibido»: «Menina dos Sonhos» e «Cartaz americano».

No teatro o film de arte, português,

«Tragédia de amor», 5 actos, de António Pinheiro.

CARTAZ

S. CARLOS—A's 21—«Mefistófeles».

NACIONAL—A's 21—«O Pasquieiro de Madrigal».

S. LUIS—A's 21—«A Lenda do Templo».

POLITEAMA—A's 21—«A Domadora».

APOLÓ—A's 15—«Proibido».

AVENIDA—A's 15—«Miss Diana».

EDEN TEATRO—A's 21—«A Pera de Sizana».

MARIA VITÓRIA—Não há espetáculo.

COLISEU DOS RECREIOS—A's 21—«Grande companhia de círculo».

GIL VICENTE—A's 21—«As duas orfãs».

OLÍMPIA—A's 20, 30—«Animatógrafo».

SALÃO FOZ—A's 14, 30 e 20, 30—«Variedades».

CHIADO TERRASSE—A's 14, 30 e 20, 30—«Animatógrafo».

CONDES (Avenda), —«Animatógrafo».

CENTRAL (Avenda)—«Animatógrafo».

CINE-PARIS (Rua Ferraz Eborgs), —«Animatógrafo».

EDEN—A's 21—«Animatógrafo».

Fitas infantais.

PROMOTORIA (Largo do Calvário)—«Animatógrafo».

EDEN-CINEMA (Rua do Alívio)—«Animatógrafo».

Rua Ferreira de Almeida, 392-A

Aos Funileiros e soldadores

SOLDA de estanho, muito fina, solda em barra.

BARRO de escavar, estanho e cátumbo em barra.

TODAS as soldas são de máxima confiabilidade a preços reduzidos.

METAL ANTI-FRICCÃO das melhores marcas

CARLOS A. SANTOS

80, Rua do Arsenal, 80 — Lisboa

TEATRO SÃO LUÍS

A opereta A LENDA DO TEMPLO, letra de Silva Tavares, música de Filipe Duarte

Não enclaramos, de modo algum, entre os que na meticolosidade da sua apreciação, exigem coerência entre a estética e ligação scénica rigorosa nas operetas.

Pelo que os portugueses sabem dias operetas modernas, tipo vienense, não lhes

ha de ser difícil concluir que o que elas

de preferência visam é agradar pélia műsica e prender pelo riso os ouvintes;

e para conseguir este último desideratum, os motivos que servem à composição dos rascões e dos bailes, tem um cunho de

ben mais de leitura do Ribatejo do que

de campo alegre, embora reconheçamos que algumas povoações desta

provincia as suas canções tecem longos

pontos de contacto com os que se

cantam desde Santarem a Alverca.

No desempenho muito graciosa Au-

senda de Oliveira, que tem no penúltimo acto uma transição muito inter-

essante.

Gostaríamos de vê-la em teatro de

declamação, Fernando Pereira tem nes-

ta opereta um bom trabalho como cantor,

Agradou-nos bastante o sentimento com

que cantou em todo o segundo acto. O

tenor Artur de Almeida, pôs em destaque

o belo timbre da sua voz pouco vo-

luminosa mas macia.

Vasco Santana teve Ribeiro, Beatriz

Santos, Sébastião Ribeiro e Sofia

Baptista. Os outros artistas não pôem

quaisquer nota discordante no desempe-

nho; o mesmo diremos dos côrulos.

Nogueira de BRITO

... e desorienta o seu enquadramento

nos prédios que limitam a cena.

A música de Filipe Duarte, portugue-

sissimo compositor que enriqueceu já o

teatro português com algumas sentidas

páginas em que a simplicidade se

enlaça na inspiração, um tanto moldada

em algumas obras suas já conhecidas,

mas sempre toma o aspecto regional

que o local e os assuntos determinam,

os motivos que servem à composição dos

rascões e dos bailes, tem um cunho de

ben mais de leitura do Ribatejo do que

de campo alegre, embora reconheçamos

que algumas povoações desta

provincia as suas canções tecem longos

pontos de contacto com os que se

cantam desde Santarem a Alverca.

No desempenho muito graciosa Au-

senda de Oliveira, que tem no penúltimo

acto uma transição muito inter-

essante.

Gostaríamos de vê-la em teatro de

declamação, Fernando Pereira tem nes-

ta opereta um bom trabalho como cantor,

Agradou-nos bastante o sentimento com

que cantou em todo o segundo acto. O

tenor Artur de Almeida, pôs em destaque

o belo timbre da sua voz pouco vo-

luminosa mas macia.

Vasco Santana teve Ribeiro, Beatriz

Santos, Sébastião Ribeiro e Sofia

Baptista. Os outros artistas não pôem

quaisquer nota discordante no desempe-

nho; o mesmo diremos dos côrulos.

Nogueira de BRITO

A BATALHA — NA PROVÍNCIA E NOS ARREDORES

COIMBRA

A compressão de despesas.

As manobras do homem fatal: o Dias Pereira — Um manifesto energético dos funcionários da Secretaria Geral da Universidade

COIMBRA, 1. — Dissemos que voltámos, e aqui estamos: prontos a desenrolar um pouco mais o assunto dos interesses da cidade... e dos políticos dos seus amigos, que aíto largam, por ver nela um grande bôlo a embandulhar...

... Faremos um pouco de história, acrescida de mais um facto novo, obra sempre do «mesmo bando».

Os leitores de «A Batalha» recordam-se certamente da «ilegalíssima medida dum ministro, que para favorecer os seus apaniguados políticos fez entregar a casa do Hospício da Maternidade desta cidade, ao célebre e decantado grupo Dias Pereira & C.», favorecendo-o assim no alugamento imediato do... Instituto-asilo.

... (E) devido a este caso que estamos tratando, que o dr. sr. António Luís Gomes, reitor da Universidade pediu a demissão.

Conseguiu o Instituto em Coimbra, e o seu alojamento em casa «alheia» ao passo a casa do Hospício é pertença da maioria da imprensa, de acordo com o Decreto n.º 9353 que suprimiu as secretarias privativas das Faculdades e Escolas da Universidade de Coimbra, passando a ser pública o caso da noção de «compressão de despesas...» e ao manifesto em questão.

Ei-lo. Ele aí está. Algumas passagens lucidárias os leitores.

«Os oficiais amanuenses da Secretaria Geral da Universidade de Coimbra resolveram tornar público o caso da noção — promoção — de José Augusto Dias Pereira no lugar de oficial maior da mesma Secretaria Geral, em virtude da maioria da imprensa, de acordo com o Decreto n.º 9353 que suprimiu as secretarias privativas das Faculdades e Escolas da Universidade de Coimbra, passando a ser pública o caso da noção de «compressão de despesas...» e ao manifesto em questão.

Ora, pelo citado Decreto n.º 9353 de 7 de Janeiro corrente, ficou na situação de adido o Dr. José Augusto Dias Pereira.

Mas os amigos políticos tudo conseguem, e assim, saltando por sobre a lei 1.344, que respeita os funcionários mais antigos e que tecem direitos adquiridos, — éles com os seus amigos fizeram promover o ditto Dias Pereira (pelo outro em questão, mas que tudo maneja) prejudicando assim os funcionários com direitos.

Depois, com esta «ile

